

## **O NEGRO E SEU MUNDO: VIDA E TRABALHO NO PÓS -ABOLIÇÃO EM CAMPOS DOS GOYTACAZES (1883-1983)**

*Rafaela Machado Ribeiro*

Mestre em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense,  
licenciada em História pela Faculdade de Filosofia de Campos. Pesquisadora do  
Arquivo Público de Campos dos Goytacazes.

### **RESUMO ESTENDIDO**

#### **Apresentação:**

Este artigo tem no negro do pós-abolição de Campos dos Goytacazes seu objeto principal de estudo, com foco em suas experiências e suas percepções sobre liberdade e cidadania, ressaltando que, naquela sociedade, estas manifestações estavam atreladas à construção de um discurso e de uma prática social que valorizavam uma nova ética de trabalho, fortemente presente no meio social já desde os anos finais do cativo. Assim, procura-se compreender o processo de legitimação de um novo discurso atinente às relações de trabalho que contrapõe a ética do bom trabalhador à construção de um estigma para os negros que recusavam as novas condições de trabalho. Tal discurso associava os negros libertos à imagem da tendência ao ócio, aos vícios e à malandragem. Para além deste discurso, procura-se estabelecer as visões e caminhos traçados pelos próprios negros que informavam suas práticas de liberdade, igualdade, trabalho e cidadania. Para tanto, a pesquisa se concentrou nos anos de 1883 a 1893, a partir da análise de extenso número de fontes manuscritas documentais – como inventários *post-mortem*, testamentos, livros de registros de dois cartórios da região, livros de correspondências, o Código de Posturas da Câmara Municipal e jornais locais.

Nesse contexto, Campos se constitui como um dos grandes centros do movimento abolicionista que passou a se dar no Brasil. Carlos de Lacerda, abolicionista radical, proprietário do jornal Vinte e Cinco de Março<sup>1</sup> já há muito empreendia ferrenha

---

<sup>1</sup> Clóvis Moura, no Dicionário da Escravidão Negra no Brasil, 2004, demonstra acerca do Vinte e Cinco de Março que “o seu primeiro número veio à luz no dia 1º de maio de 1884 e circulou até 1886. Sua

campanha pela libertação dos escravos, auxiliando-os em diversas fugas e revoltas. Nos anos finais do cativeiro ficaram famosos os episódios das grandes queimadas dos canaviais ficaram famosos como um modelo de resistência negra, e tornaram-se, por isso, objeto de alguns estudos<sup>2</sup>.

Incomodados com a constante perda de autonomia frente aos trabalhadores e, principalmente, com as incertezas do futuro, os senhores da lavoura campista organizaram o Congresso Agrícola a 18 de março de 1888, com o intuito de estabelecer um padrão de comportamento a ser adotado conjuntamente pelos lavradores e que “garantisse condições de fixação ou colocação estável dos libertos, bem como o regime a estabelecer para isto, compreendendo serviços, salários e obrigações pessoais” (MATTOS, 1998, p.240). Revela-se aí, que apesar de aparentemente não ter havido escassez de mão de obra em Campos, os lavradores já competiam pela força de trabalho na região, no mesmo momento em que discutiam sobre a reorganização do trabalho, preocupados que estavam em garantir braços para a colheita daquele ano.

Provavelmente fora este o fator que possibilitou que os escravos em Campos não se retirassem da região, quando muito indo para fazendas próximas, isto é, a iniciativa dos ex-senhores em garantir melhores condições de trabalho e moradia aos libertos, garantiu a fixação destes à região. Hebe Mattos cita que “levando em conta as estimativas do Correio de Cantagalo, não mais de 10% dos escravos deixaram as fazendas imediatamente após a obtenção da liberdade” (1998, p.259), assim é que a autora afirma que o deslocamento dos libertos aconteceu num segundo momento, já na segunda geração de libertos, quando as tentativas de estabelecer novas relações de trabalho fracassaram.

## **Metodologia:**

---

linguagem era direta e desabrida, denunciando os crimes, os maus-tratos e torturas dos escravos praticados pelos senhores. [...] De fato, o jornal transformou-se num tribunal de denúncias contra os desmandos da classe senhorial de Campos. Por outro lado, não se conformava com a simples denúncia, mas exibia instrumentos de suplício usados pelos escravocratas, e especialmente, numa atitude radical e corajosa, incitava os cativos a fugir e se organizar em quilombos.” (p.417).

<sup>2</sup> Ver nesse sentido Lima, 1981, que se utilizando de relatório do Chefe de Polícia da Província, de 1887, estabelece que “os incêndios de canaviais começaram a se verificar, em Campos, em agosto de 1884, com queima das lavouras dos engenhos de Queimado e do Seco, próximos à cidade. E, já nessa época, supõe-se que não sido acidentais e sim fruto da ação criminosa dos abolicionistas. Desde então, os incêndios não pararam mais, ocorrendo, de forma intermitente até 1887, quando se multiplicam. Entre janeiro e fevereiro desse ano sucumbem ao fogo os canaviais ‘das fazendas da Abadia, Mantiqueira, Penha, Usina de São João, Outeiro, a do Major José Francisco de Miranda e Silva, de Francisco Tomás Pinheiro e do Barão de Miranda’.” (p.138).

Esta pesquisa se utilizou de cerca de 500 processos, entre inventários e testamentos, que datam de 1883 a 1893, além de código de posturas municipais, autos de perguntas e de diferentes jornais. Grande parte desse acervo se constitui de material inédito e ainda não pesquisado e nos fornece uma imagem de parte do cotidiano e da realidade daquela população. As ações de inventário e testamento figuram entre os principais documentos a serem utilizadas nesse estudo. Neles podemos recolher informações das mais preciosas, como além do nome, idade, filiação e nascimento, outras como ocupação e moradia. Se, no entanto, essas informações são tratadas com clareza e nitidez em tais documentos até meados do século XIX, aparecendo frequentemente a qualificação de cor na capa (fulana de tal – preta forra), as mesmas “escondem-se” a partir da segunda metade do século XIX. Observando essa dinâmica, Hebe Mattos, em estudo sobre a população descendente de escravos na região decadente do café, Vale do Paraíba, a chamará de “silêncio da cor”. Obedecendo a um movimento que se afastava cada vez mais dos qualificativos de cor para diferenciar os homens, visto haverem cada vez mais homens brancos-pobres, e negros livres, somem as informações sobre cor e origem de tais documentos, no caso de ex-escravos, e só com muita procura é que elas voltam a aparecer, seja numa qualificação de testemunha, seja numa ação que requeira maiores declarações.

A par dessa dificuldade, somar-se-á à utilização desses documentos, jornais e censos realizados entre os anos finais do século XIX e a década de 30 do século XX. Tais fontes nos permitem entrever não só a distribuição da população, no caso dos censos, mas também as maneiras como os libertos se utilizavam dos espaços públicos e privados, as relações que mantinham entre si, através de grupos ou associações, por exemplo, mas também com os outros – e aí teremos que descobrir quem são esses “outros”.

### **Desenvolvimento e Resultados Alcançados:**

O artigo que lhes será apresentado é resultado de uma pesquisa de mestrado de cerca de três anos e a grande questão que permeia este estudo é estabelecer as trajetórias empreendidas pela massa de ex-escravos que se fazia presente em Campos à época da Abolição em 1888, através de uma análise dos locais nos quais passaram a residir e trabalhar, verificando também, os tipos de relações políticas, sociais, econômicas e culturais a que foram sujeitos, além de buscar um entendimento acerca da maneira como foram absorvidos, ou não, pela sociedade.

Esperamos com essa pesquisa poder desenvolver um estudo inovador, não só pelas fontes utilizadas, mas, principalmente, por seu objeto de pesquisa. O negro do pós-Abolição, tão silenciado pelos documentos e pela ausência de pesquisa em torno de sua história, recebe aqui lugar especial, papel de destaque, capaz de reacender ainda discussões sobre a conformação da sociedade escravista e sobre a inserção desses homens e mulheres no mundo dos brancos, já não tão branco assim.

### **Referências:**

1. AZEVEDO, Thales. **As elites de cor: um estudo de ascensão social**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.
2. BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Branco e Negro em São Paulo**. São Paulo: Global, 2008.
3. BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1987.
4. CARDOSO, Ciro Flamarion (org.). **Escravidão e Abolição no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
5. CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
6. \_\_\_\_\_. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
7. CARVALHO, Waldir P. **Campos Depois do Centenário** - v.I, II e III. Itaperuna, RJ: Damadá. 1991.
8. CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
9. CONRAD, Robert. **Os últimos anos da escravatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
10. COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. São Paulo: UNESP, 1998.
11. FARIA, Sheila de Castro. **A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
12. FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global, 2007.
1. \_\_\_\_\_. **A integração do negro à sociedade de classes**. Volumes I e II. São Paulo: Global, 2008.

13. FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de A. Neves (orgs.). **O Brasil Republicano**. O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
14. FEYDIT, Julio. **Subsídios para a história dos Campos dos Goytacazes**: desde os tempos coloniais até a proclamação da República. Campos dos Goytacazes: s/ed.1985.
15. FONER, Eric. **Nada além da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
16. FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. 3ª Edição. São Paulo: Kairós, 1983.
17. FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. 49ª ed. São Paulo: Global editora, 2004.
18. \_\_\_\_\_. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. 2 São Paulo: Companhia Editora Nacional/Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social, 1979.
19. KOWARICK, Lúcio. **Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
20. LARA, Sílvia Hunold. **Campos da violência**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
21. LIMA, Lana Lage da Gama. **Rebeldia Negra e Abolicionismo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
22. MALHEIRO, Perdigão. **A escravidão no Brasil**. Petrópolis: ED. VOZES, 1976.
23. MATOSO, Kátia. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
24. MATTOS, Hebe Maria. **Das cores do silêncio**. Significados da liberdade no sudeste escravista. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995 / Nova fronteira, 1998.
25. \_\_\_\_\_. **Escravidão e Cidadania no Brasil Monárquico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
26. \_\_\_\_\_ & RIOS, A. M. L. **Memórias do cativo**: família, trabalho e cidadania nos pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
27. PIERSON, Donald. **Branços e pretos na Bahia**: estudo de contato racial. 2ª edição. SP: Companhia Editora Nacional, 1971.
28. QUEIROZ, Suely R. Reis de. **Escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Ática, 1993.
29. REIS, João José e Silva, Eduardo. **Negociação e Conflito**: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

30. RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. 6ª edição. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982.
31. \_\_\_\_\_. Mestiçagem, degenerescência e crime. **História, ciência e saúde** - Manguinhos vol.15 nº.4. Rio de Janeiro Out./Dez. 2008.
32. SCHWARCZ, Lilia M. **Retrato em branco e negro**: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
33. \_\_\_\_\_. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
34. \_\_\_\_\_. O espetáculo da miscigenação. **Estudos avançados**. vol.8 no.20 São Paulo Jan./Abr. 1994.
35. \_\_\_\_\_. **As barbas do Imperador**: D. Pedro II, um monarca nos Trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
36. SCHWARTZ, Stuart. **Segredos internos**: engenhos e escravos na sociedade colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
37. \_\_\_\_\_. **Escravos, roceiros e rebeldes**. São Paulo: Edusc, 2001.
38. SOARES, Márcio. **A remissão do cativo: a dádiva da alforria e o governo dos escravos nos Campos dos Goitacases, c. 1750 – c. 1830**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.
39. VIANNA, Oliveira. **Populações Meridionais do Brasil** – Populações Rurais do Centro–Sul. Volume I. 7ª edição. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Limitada e EdUFF. 1987.
40. \_\_\_\_\_. **Raça e Assimilação**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio. 1959.